



A universidade brasileira e a formação humanística do estudante de Medicina. Uma leitura desde o pensamento de John Henry Newman

The Brazilian university and the humanistic education of medical students. A reading based on John Henry Newman's thoughts

Marcelo R. Levites

*Médico de Família. Diretor dos Programas de Formação de SOBRAMFA - Educação Médica e Humanismo. www.sobramfa.com.br
Email: marcelolevites@sobramfa.com.br*

Pablo González Blasco

Doutor em Medicina. Diretor científico de SOBRAMFA - Educação Médica e Humanismo.

*RBM Jul 13 V 70 Especial Oncologia 2
págs.: 9 à 13*

Unitermos: humanização, ensino universitário, narrativa newmaniana.

Unters: humanization, university education, Newman narrative.

Sumário

A humanização assume notável protagonismo na agenda da sociedade atual. Humanizar é, além de uma obrigação educacional, uma condição de sucesso profissional. A universidade, que deveria contribuir para a humanização do estudante, está em crise de identidade. Neste contexto as ideias de J. H. Newman se tornam uma reflexão necessária para os professores que querem fazer a diferença na vida dos seus alunos. A ideia da universidade de Newman é baseada no alargamento intelectual, na expansão da mente, com vista à formação do caráter; uma proposta que vai muito além da perspectiva imediatista e utilitarista pautada pelo desenvolvimento nacional ou empresarial. Segundo a visão que oferece a narrativa newmaniana, os desafios que a universidade enfrenta na formação dos alunos, não se resolvem com planos de aprendizagem e currículos. Impõe-se uma reforma interior de professores e alunos, uma volta às humanidades para nos lembrar quem somos, o que realmente importa e o que nos distingue como seres humanos. A coragem do professor por se conhecer e ensinar com o exemplo é o passo necessário para resgatarmos à humanização e a universidade de Newman.

Summary

Humanization takes notable role in the agenda of the current society. To humanize is, beside an educational demand, a condition of Professional success. The University, which should contribute to the students' humanization, lives a crisis of identity. In this context, the ideas of JH Newman become a necessary reflection for teachers who want to make a difference in the lives of their students. The Idea of University in Newman is based on intellectual enlargement, expansion of the mind, attempting to model character. This proposal goes beyond the utilitarian role saturated of immediacy we can appraise in the academia, which is often allied with national development programs or business. The right answer to challenges in education come not just from reforming curricula but reside within ourselves, teachers and students, who need to get back to humanities for remembering who we are, what really matters, and what is the core of human beings. The courage to teach is a necessary step for teachers knowing themselves, teaching through role model and to rescue humanization and the idea of University in Newman.

Resumo

A humanização assume notável protagonismo na agenda da sociedade atual. Humanizar é, além de uma obrigação educacional, uma condição de sucesso profissional. A universidade, que deveria contribuir para a humanização do estudante, está em crise de identidade. Neste contexto as ideias de J. H. Newman se tornam uma reflexão necessária para os professores que querem fazer a diferença na vida dos seus alunos. A ideia da universidade de Newman é baseada no alargamento intelectual, na expansão da mente, com vista à formação do caráter; uma proposta que vai muito além da perspectiva imediatista e utilitarista pautada pelo desenvolvimento nacional ou empresarial. Segundo a visão que oferece a narrativa newmaniana, os desafios que a universidade enfrenta na formação dos alunos, não se resolvem com planos de aprendizagem e currículos. Impõe-se uma reforma interior de professores e alunos, uma volta às humanidades para nos lembrar quem somos, o que realmente importa e o que nos distingue como seres humanos. A coragem do professor por se conhecer e ensinar com o exemplo é o passo necessário para resgatarmos à humanização e a universidade de Newman.

A humanização como demanda da sociedade e a resposta da Universidade

A humanização assume notável protagonismo na agenda da sociedade atual¹. O motivo é claro: nos dias de hoje, em muitos ramos da vida profissional, estamos sendo forçados a desenvolver "práticas humanizantes"² se quisermos nos pautar pela qualidade e pela excelência. Humanizar é, assim, além de uma obrigação educacional uma condição de sucesso profissional. O modo mais prático de perceber esta necessidade é observar as consequências que a sua ausência provoca. Quando existe um clamor pela humanização de uma situação, de uma atitude ou profissão é porque de algum modo se reclama uma ausência que se entende como essencial. As reclamações dificilmente recaem no aspecto técnico, até porque o paciente ou cliente não possui recursos para avaliar corretamente deficiências dessa ordem. As carências que constata são, em última análise, carências na pessoa, detentor do conhecimento e intermediário entre a tecnologia e o paciente/cliente. As insuficiências não são de ordem técnica, mas humana.

Toma-se necessário vestir a ciência e a formação universitária com trajes humanos, dissolver em aconchego a técnica moderna. Quando tal não acontece, as insuficiências são sempre do profissional e o prejuízo é do paciente/cliente, que acaba sofrendo de indigestões científicas nada reconfortantes. Caberá ao profissional preocupar-se com esta temática, que não é em absoluto minúcia ou filigrana. Uma preocupação que se deve traduzir em ocupação ativa, estudo, reflexão, para aprofundar e, sobretudo, analisar o seu comportamento, detectar as deficiências e encontrar os caminhos do necessário aperfeiçoamento³.

A universidade, que deveria contribuir para a humanização do estudante, está em crise de identidade⁴. Tentando responder a uma solicitação empreendedora/empresarial⁵ e tendo como norma o pragmatismo, as universidades embarcaram numa relação de clientelismo com os estudantes e suas famílias, segmentaram ao máximo o conhecimento e perderam o foco na formação do indivíduo⁶.

A tentativa de respostas à necessidade de democratização do ensino superior desembocou em massificação; e o controle das universidades é assumido por gestores em vez de reitores e chefes no lugar de diretores⁷. A crise descrita na narrativa Newmaniana-Humboldtiana⁸, somada às pressões por resultados e à prestação de contas, acaba sacrificando a identidade do ensino superior que é formar o indivíduo.

O cenário da pós-modernidade transforma o ensino superior em obrigatoriedade sem pensar na sua identidade genuína; favorece uma presença ambígua do estado e os resultados acabam por responder equivocadamente ao mercado. Nesse contexto o estudante universitário encontra-se perdido junto com a própria instituição de ensino superior. Vale lembrar o poeta irlandês que afirma: "Como podemos distinguir o dançarino da dança?"⁹

A identidade do ensino superior na modernidade e a narrativa newmaniana

John H. Newman apresentou as suas reflexões sobre a universidade pela primeira vez em Dublin, 1852, nos seus *Discourses on the Scope and Nature of the University Education*. Apesar do seu projeto não ter sido realizado, o seu conteúdo e o seu âmbito são, enquanto narrativas, extremamente importantes

para se compreender a ideia moderna do ensino superior ou, pelo menos, uma parte deste. De fato pouco importa que a universidade ideal de Newman apenas existisse como projeto: o crucial é que havia um auditório para a ideia de universidade em geral e para aquela ideia de universidade em particular. Obviamente que o contexto britânico, que era o dos discursos do cardeal Newman, é importante, mas a sua ideia de universidade teve uma influência muito mais ampla nos discursos fundadores e legitimadores do ensino superior.

Sublinhemos as suas principais características. Primeira, espera-se da universidade que ela forneça educação liberal, entendendo por liberal o fato de que o conhecimento deve ser procurado como um fim em si mesmo. Segunda, a educação superior não deve ser em si mesma útil, mas sobre tudo assumir a forma da aquisição filosófica do conhecimento. Terceira, a educação superior não deve basear-se numa concepção de conhecimento ou de trabalho fragmentados, isto é, a universidade deve ensinar todo o conhecimento.

Neste sentido, é interessante anotar o que num artigo sobre a vida e ideias de Newman comenta um estudioso acerca da mudança no conceito do professor que se dedica à docência. Um Doutor - que, lembremos, vem de latim *doceo* (ensinar) - ostenta o título de PhD (*Philosophiae Doctor*). Quer dizer, o que se espera de um Doutor é que proporcione aos alunos um conhecimento amplo como apoio do saber formativo. Não se reduz - como frequentemente observamos - a um especialista conhecedor de um tema específico, de uma tecnologia instrumentalizada impermeável aos muitos outros saberes. Teria de proporcionar, justamente, o saber da *Philosophia*, quer dizer, cultura, postura intelectual, que é o modo universitário de situar-se no mundo¹⁰.

A ideia da universidade de Newman é baseada no alargamento intelectual, na expansão da mente, com vista à formação do caráter e não se esgota numa articulação imediata e utilitarista ao serviço do desenvolvimento nacional ou empresarial¹¹. Num dos seus discursos sobre a formação universitária¹² adverte: "A universidade não tem como objetivo a formação moral ou técnica, não busca treinar a mente para a arte e o dever, sua função é compartilhar cultura intelectual". Enfatiza a importância do saber intelectual, evitando a especialização excessiva, que pode ser muito útil, mais não cumpre com os objetivos da educação universitária. "Se um estudo se limita a um assunto, apesar da divisão de trabalho poder favorecer o progresso em um ponto particular, permanecerá uma tendência de contrariar a mente".

Em outra parte dessa mesma obra encontramos uma afirmação que serve muito bem como resumo do seu pensamento: "O estudante se beneficia da tradição intelectual, que é indiferente de professores individuais em disciplinas escolhidas (...). Aprende as linhas do saber, os princípios estruturantes, as proporções em suas diversas partes, suas luzes e sombras, seus grandes e pequenos pontos (...). Por isso esta educação chama-se liberal. Se cria um hábito de formação da mente para toda a vida, cujas características são liberdade, sentido de justiça, serenidade, moderação e sabedoria. É o que me atrevo a chamar hábito filosófico. É o que considero o fruto da educação universitária, em contraste com todas as outras formas de educação. Este é o fim de toda relação da universidade com o aluno".

O papel do professor na formação do homem: O ensino superior e as humanidades

Como podemos contribuir para a formação de um estudante do ensino superior? Esta é a pergunta inicial de um professor que deseja realmente fazer a diferença na vida dos seus alunos. Buscar o aprimoramento pedagógico obriga o professor a refletir sobre suas ações e corrigir suas rotas. Um processo no qual o que interessa é a melhoria do professor na sua missão docente.

A preocupação com o processo de aprendizagem obriga o professor a questionar-se acerca do contexto no qual está inserido. Qual é a visão da universidade na que estou inserido? Onde eu, como professor, entro em tudo isto? As respostas não são fáceis e, por vezes, aparecem como desafios impossíveis, pois embora, teoricamente se contemple no cenário universitário que a formação do homem e tão importante quanto à formação profissional, pouco se visualiza esta realidade na prática de sala de aula das universidades.

O professor que vive esse compromisso educacional percebe o que está faltando no aluno. Quando, por exemplo, é responsável pelos alunos dos últimos anos do curso médico, percebe o conhecimento -

e as carências- de fisiologia, de anatomia. Mas também consegue avaliar outros domínios que deveriam ter sido formados nos anos anteriores à entrada na universidade, ou mesmo no ambiente familiar, como conhecimento matemático, capacidade de escrita e de expressão, cultura geral. Os desafios, então, são ainda maiores. Qual é o meu papel em tudo isto, pergunta-se o professor?

Vale lembrar que a sociedade de hoje, inserida dentro de um contexto de grandes empresas e aglomerados econômicos, direcionadas para o lucro e o ganho de escala, desencadeou um processo de indiferença para com o cliente/paciente. Muito se faz para melhorar scripts do telemarketing ou colocar funcionários falsamente contentes em receber os clientes, mas pouco se observa, na formação humanística do profissional. Não estamos mais preocupados com o outro.

A universidade adoece do mesmo mal que a sociedade na qual está inserida. Perdição em saber como avaliar de maneira inequívoca e impessoal seus alunos ou em organizar currículos perfeitos, mas absolutamente não realizáveis, o ensino superior, representado pelo professor, não sabe mais quem são os alunos, quais são suas circunstâncias e como ajudá-los em formar o profissional e o homem. Ao mesmo tempo, a universidade carrega nos ombros dos professores, a responsabilidade de preparar o indivíduo para exercer seu papel como homem cidadão e de saber lidar com o outro dentro do seu contexto. É papel do professor o de formar um profissional, independente da área, de visão ampla, capaz de compreender o universo das pessoas¹³. Os desafios reais se tornam maiores, mais amplos, permanentes.

Vem à tona uma lembrança pessoal. Foi durante o Congresso de uma sociedade de professores de Medicina (STFM - Society of Teachers of Family Medicine - www.stfm.org), em 2005. A presidente da sociedade, naquele momento a dra. Jeannette E. South-Paul, professora titular de Medicina da Universidade de Pittsburg disse em seu discurso de abertura do congresso: "Se comparamos a educação médica superior a um cavalo, podemos ter certeza que muitas métricas anatômicas, funcionais e metabólicas já foram milimetricamente estudadas e apresentadas. O que acontece hoje, por estarmos tão preocupados em medir, é que nos esquecemos de conhecer o cavalo. Digo a todos, o cavalo pode estar morto e continuamos a medi-lo"¹⁴.

Platão comenta em Protágoras¹⁵ que a educação não se busca para exercer uma profissão, como faria um artesão; busca-se para formar um homem autônomo e livre. E aponta que quando a educação tem como objetivo o dinheiro, a forma física ou o resultado de performance, o nome de Paidéia (pessoa completa) perde-se¹⁶. Também Aristóteles, em Nicomáquea¹⁷, adverte que um fidalgo orienta sua cultura pelas coisas belas e infrutíferas. Cada vez que o saber se transforma em instrumentalização da profissão, religião ou ação moral degrada-se a instrumento de interesse e se perde a ideia que o conhecimento é um meio para alcançar algo mais elementar.

Em perspectiva histórica, o Ortega y Gasset¹⁸ assinala um contraste que é, na verdade, um paradoxo. Compara o peso que a cultura tem no processo educacional dos nossos dias - quase um elemento ornamental - com o que tinha no início da instituição universitária, há mais de oito séculos. Naquela época pouco havia de profissionalismo e a investigação se encontrava em estágios primitivos. Quase tudo o que se pretendia ensinar era justamente o que hoje denominamos "cultura geral": filosofia, artes, religião, teologia. Mas para a universidade este corpo de conhecimentos nada tinha de "geral" no sentido estreito e até reducionista do termo. Era simplesmente cultura, entendendo-se por tal, o sistema de ideias sobre o mundo, sobre a vida, sobre o ser humano e a humanidade, que auxilia na postura que se deve adotar a cada momento para simplesmente viver e assumir as atitudes oportunas. A cultura era e continua sendo, na opinião deste autor, o conjunto de ideias a partir das quais se vive e que vêm a ser como o chão que suporta nossa existência.

Parece natural que o autor se pergunte como é possível formar verdadeiros profissionais e investigadores que careçam dessa postura diante do mundo, do equacionamento da própria vida. Carecem dela porque ninguém lhes mostrou o caminho do aprendizado, porque a universidade não se preocupou com este aspecto essencial da sua formação. E as consequências podem ser altamente nocivas, já que a instituição universitária estaria habilitando profissionais que, quando tenham de sair da estreita matéria do seu conhecimento profissional, atuarão com a ignorância de quem não é culto. E conclui: "Não podemos viver humanamente sem ideias. Delas depende tudo o que fazemos. Cultura não é ornamento, mas é o que salva do naufrágio vital, e o que permite ao homem viver sem que a sua vida seja tragédia sem sentido ou radical envilecimento"¹⁹.

A humanização das pessoas: do professor ao aluno

Se a desumanização é um esquecimento e humanizar implica recordar, bom será refletir sobre os processos que levam a esse esquecimento, quase sempre involuntário, para evitar as reincidências.

Um primeiro passo no itinerário do esquecimento que diz relação à formação como pessoa e como profissional vem apontado pelas considerações de um filósofo que nos fala da ética da responsabilidade. O que distingue os humanos dos animais - afirma Hans Jonas²⁰ - é um tripé constituído pelo utensílio, pela imagem e pelo túmulo. O utensílio é a técnica, neste ponto não há dúvidas quanto a distinguir-se dos animais porque os humanos conseguem incorporar em pouco tempo toda a técnica acumulada na história que lhes precede. Os animais carecem de um acervo científico e cada um deve construir-se desde zero, pois não conseguem aproveitar as experiências dos ancestrais da sua espécie. A isso se refere Ortega²¹ quando diz que o tigre de hoje é o mesmo tigre de milhares de anos atrás, e o mesmo que estará sobre a Terra daqui a cinco séculos. Somente o homem nasce sobre uma história que lhe precede, agrupando a técnica e o progresso correspondente.

O segundo elemento que nos distingue dos animais é a imagem, que se inclui a capacidade que o homem tem de representar a realidade através da arte. A arte e as humanidades são caminhos para melhor conhecer a realidade na qual o ser humano está imerso e melhor conhecer-se a si próprio, na sua dimensão corporal e espiritual. Finalmente, a terceira pema do tripé está representada pelo túmulo. Somente o ser humano tem consciência da transcendência e a representação da morte o coloca em contato com a dimensão que se estende além do seu próprio ser.

Não é difícil concluir que, embora no referente à técnica, o progresso seja inegável sendo notória a distância entre o homem e o animal, certa atrofia foi tomando conta dos outros dois elementos do tripé. Nem por isso o homem se animaliza, mas o seu equilíbrio apresenta uma instabilidade perigosa. O homem deixa de frequentar as artes e as humanidades, priva-se de modos de conhecer o mundo, as pessoas e as coisas; perde a capacidade de admirar-se e de comprovar que a maioria dos fenômenos independe dele. E, não menos importante, perde o sentido da transcendência, a dimensão espiritual, o sentido de eternidade e a duração do tempo próprio e do universo que lhe rodeia. As consequências são funestas, porque à base de não frequentar o túmulo, "porta da transcendência", acaba esquecendo o sentido de missão e a importância de sentir-se útil, como elemento integrante da própria felicidade.

O primeiro passo que o professor deve dar se quiser humanizar é admitir que, antes de tudo, deve-se humanizar ele próprio. A responsabilidade primeira é toda dele, que deverá refletir e buscar recursos para integrar a técnica - atualizada e moderna - com o humanismo que a prática médica requer. E terá de instalar um processo de construção própria que lhe permita não esquecer o que de verdade importa. Porque, dito de modo simples, a desumanização é, sobretudo, um esquecimento lamentável daquilo que, sendo matéria de trabalho diária - o ser humano -, deixamos passar sem reparar na sua espessura, sem ponderar a dignidade que se envolve nesse relacionamento. Humanizar seria, de algum modo, recordar; um exercício ativo da memória para lembrar quem somos, o que buscamos, qual é a nossa história.

A pedagogia do ensino superior muito avançou, mas com frequência se esquece de qual seja a essência de quem ensina e para quem ensina, Parker Palmer, um educador de vital importância, escreve sobre este tema²²: "Os professores somente se perguntam o que devem ensinar (conteúdo da disciplina). Sem estas perguntas o educador não sobrevive. Outros, um menor grupo, pergunta-se sobre o método: como ensinar? Um grupo minoritário pergunta: quem são as pessoas que vou ensinar. Mas, infelizmente, o que quase ninguém se pergunta é quem sou eu e por que ensino? E esta é a grande questão, porque, como o autor comenta, querendo ou não ensinamos aquilo que somos, independente do conteúdo da disciplina. Ensinar bem não se reduz a técnica. É o resultado da identidade e integridade do professor. A coragem de ensinar - título do livro - é entender que o coração aberto deve ir além do convencional."

Conclusão: a descoberta de Newman por um professor na sala de aula

Muito se pensa sobre como humanizar o processo de formação do estudante de ensino superior para

melhorar a capacidade dos profissionais na compreensão do ser humano. A universidade, observando as várias necessidades de formação (do indivíduo, das comunidades e do mercado), busca diante há um sincretismo de narrativas uma tentativa de respostas para a identidade do ensino superior.

O que a narrativa newmaniana nos aponta é que o problema sobre o ensino superior não esta nos planos de aprendizagem ou nos currículos e sim em nós mesmos, alunos e professores que nos esquecemos de visitar as humanidades, descuidando o que realmente importa, aquilo que nos distingue como seres humanos. A coragem de ensinar o que somos é uma saída para realmente formarmos homens e mulheres prontas para buscar um conhecimento livre e autônomo para poderem cuidar-se e cuidar dos outros a sua volta.

Ensinamos o que somos, o que sai de dentro de nós. A ação educacional é espelho da alma. Se o professor não se conhece, dificilmente conseguirá conhecer os outros, nem ajudá-los. Ficará no externo, nas técnicas, nas avaliações convencionais. Mas nunca chegara ao fundo. As ideias de Newman poderão tornar-se uma realidade presente e de grande ajuda nas nossas universidades se realmente estivermos, de verdade, comprometidos com o ensino e atrelados aos nossos alunos.

Bibliografia

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Costa, WS. Humanização, relacionamento pessoal e ética. Caderno de Pesquisas em Administração. 2004, 11(1): <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/v11n1art2.pdf>.
2. Humaniza SUS: gestão participativa: cogestão / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Brasília: Ministério da Saúde, 2004
3. Blasco, PG. Humanismo Médico: em busca de uma humanização sustentável da Medicina. Revista Brasileira de Medicina, 2011, 68 - Especial Oncologia: 4-12.
4. Magalhães, AM. A identidade do ensino superior: a educação superior e a universidade. Revista Lusofona de Educação 2006; 7:13-40.
5. Harker, B. Postmodernism and Quality. Higher Education, 1995, 1: 31-39.
6. Cowen R. Performativity. Post modernity and the University. Comparative Education. 1996, 32(2): 245-258.
7. Deem, R. Globalization, New Managerialism, Academic Capitalism and entrepreneurialism in Universities: is the local Dimension Important? Comparative Education. 2001, 1: 7-20.
8. Humboldt, WV. Über die Innere und Aussenere Organization der Hoberren Wissenschaftlichen Ansalten. In E. Anrich(org), Die idee der deutschenuniversitat. Darmstadt, 1964.
9. Yeats, WB. The collected Poems of W.B Yeats. Scriber paperback poetry Simon and Shuster. NY. 1996.
10. Mora, G. Newman y La idea de Universidad. Humanitas. Universidade Católica do Chile, 2006, 41: 62-79.
11. Newman, J.H. The Idea of a University. Oxford: Oxford University Press, 1976.
12. Newman, JH. Discursos sobre Le fin y La naturaleza de La Educación Universitária. Eunsa. Navarra. Espanha, 1996.
13. Levites. MR, Azevedo RA, Blasco PG. Construindo a motivação profissional na Medicina de hoje: Reflexões humanísticas para lidar com a incerteza. Revista Brasileira de Medicina, 2011, 68 Especial Oncologia: 13-18.
14. South-Paul, JE. Educating students for the future. FamMed 2005;37(4):237-8.
15. Platão. Protágoras in Diálogos. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ed. Melhoramentos. 1970, P. 227, 309c.
16. Platão. As Leis. São Paulo: Edipro, 1999, p. 67.
17. Aristóteles. Ética a Nicômaco. Edipro. 2009.
18. Ortega y Gasset J. Misión de la Universidad. Revista de Occidente. Madrid. 1930. (Edição em Português: "Missão da Universidade" EdUERJ, Rio de Janeiro. 1999).
19. Prado DT, Blasco PG. A Universidade e a formação dos Médicos: Reflexões humanistas a propósito do pensamento de Ortega y Gasset Revista Brasileira de Medicina, 2012; 69 Especial Oncologia 2: 4-10.
20. Jonas, H. Ética de la responsabilidad. Citado em Jiménez Lozano, J. Cuadernos de Letra Pequeña.

Ed. Pre Textos, Valencia, 2003.

21. Ortega y Gasset, J. La rebelión de las masas. Revista de Occidente. Madrid. 1930

22. Palmer. PJ. The Courage to teach. Jossey-Bass. S. Francisco, 1998.